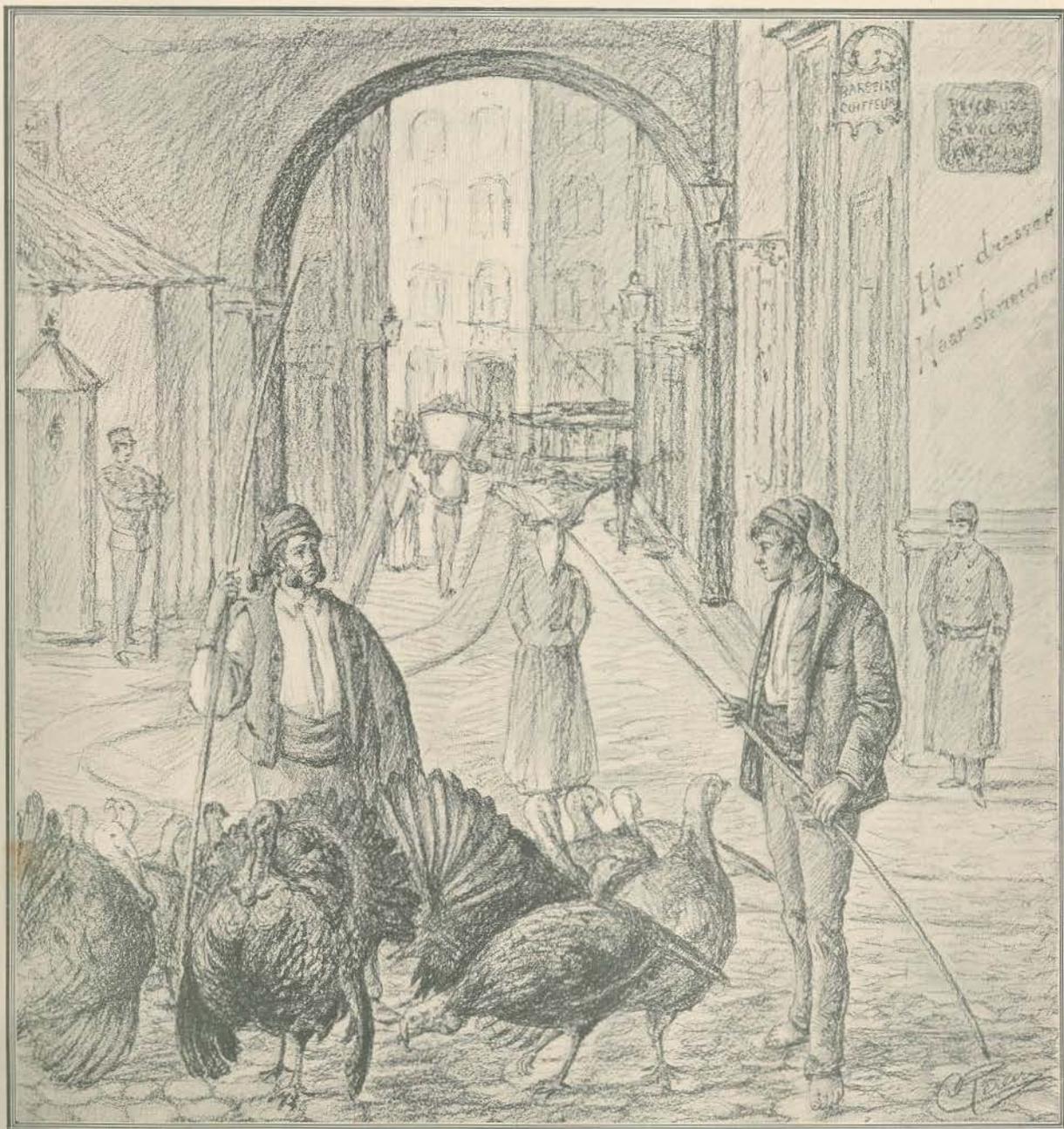
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇAO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43 —*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 28 DE DEZEMBRO DE 1903* | *NUMERO 8*

O NATAL DE LISBOA—UM BANDO DE PERUS NO ARCO DO MARQUEZ DE ALEGRETE

CHRONICA

O Anno Novo

Deseja-se o anno novo n'uma supersticiosa fé que com elle mudarão os destinos, fazem-se projectos e mudanças; com a entrada do anno e com a entrada n'uma residencia nova, acredita-se que o destino será tambem novo.

E por isso, quando a meia noite de 31 de dezembro soar, ahi por essa Baixa, n'esses predios eguaes a commodas mal arrumadas, as familias, entre os ultimos moveis que acabam de se descarregar, dirão quasi unctuosamente:

—Ora Deus Nosso Senhor nos dê um anno melhor do que o passado!

Por vezes, o chefe de familia, curtido já n'aquellas scenas, com um sorriso sceptico, com um encolher de hombros desprezador, diz em surdina:

—Já sei o que isso é!

E com effeito elle sabe-o logo desde que a manhã do anno novo surge, desde que abre os olhos no seu leito, ainda fóra do logar que ha de occupar de vez, no quarto onde os moveis ainda não entraram, por não haver tempo na vespera para as arrumações.

Tonto de somno, desconhecendo o logar, com um ar espantado e com um bocejo, elle sabe desde logo o que será o anno, faz o juizo d'elle como um astrologo de folhinha, adivinha, presente, prevê. Governar é prever, e o desgraçado governa como os estadistas nos paizes pobres, isto é, á matroca, recebendo d'um lado para collocar n'outro, desviando d'aqui para pôr ali, acudindo ás necessidades mais urgentes e descuidando as outras. Ah! O que elle vê, o que elle adivinha!

*

Sabe que com os jornaes e com a correspondencia veem os cartões de boas festas e sabe tambem que as filhas lhe vão pedir as brôas; sabe que se farão arraiaes e que haverá festas de egreja, que o carnaval ha de emporcalhar a Baixa, que a menina mais nova ha de namorar um aspirante, o sexto desde que completou as suas vinte primaveras, cheias de deliquios de nervos, de exigencias, de sonhos e de chlorose.

Sabe que os caminhos de ferro continuarão a andar como carroções de almocreves e que os electricos continuarão a atropellar os lisboetas; sabe que tem de pagar as contas da modista, que tem de roer pão feito de drogas, que tem de ir aos domingos á Avenida acompanhar as filhas e que a hortaliça augmentará de preço. Tambem sabe que o commercio continuará a morrer e a agricultura a enfermar, que a industria e o theatro continuarão a ser de importação, que a litteratura decahirá, e que as criadas o roubarão nas compras e que o governo se hade aguentar.

Eis o que elle saberá n'um momento, ao acordar, ouvindo que no andar de cima se arrastam moveis e sentindo que lá n'essa casa um outro desgraçado prevê tambem cousas eguaes ás que elle pensa.

E as filhas, com papelotes nos cabellos, e a criada, lampeira e sorridente, entrarão n'este momento pelo quarto, clamando, garrulando:

—Boas entradas, papá! Boas entradas, patrão!

N'esse primeiro dia do anno novo, o chefe de familia sente então o desejo de entrar na eternidade, de morrer, de ir n'um coche de columnas com um padre e um acolyto, n'um enterro decente, com algumas corôas e um necrologio nos jornaes.

—Boas entradas! Boas entradas!

Elle resmunga, enfia-se mais nos lençoes e lembra-se que n'essa entrada do anno novo nada ha de extraordinario, nem mesmo as despezas, porque, apoz as mudanças, não teve com que as fazer.

Por isso, esse anno novo da era de Christo não tem razão de ser alegre para o lisboeta chefe de familia.

—Anno novo, anno novo! os sinos tocam, as egrejas abrem-se e nos lares, os chefes de familia fecham-se em copas diante dos cartões de boas festas que precedem as contas do fornecedores e são outros tantos brados de fome de uma legião que serve e tem esperanças.

Boas entradas! Boas entradas!

E o desgraçado encolhe os hombros e murmura:

—Já sei o que isso é!

*

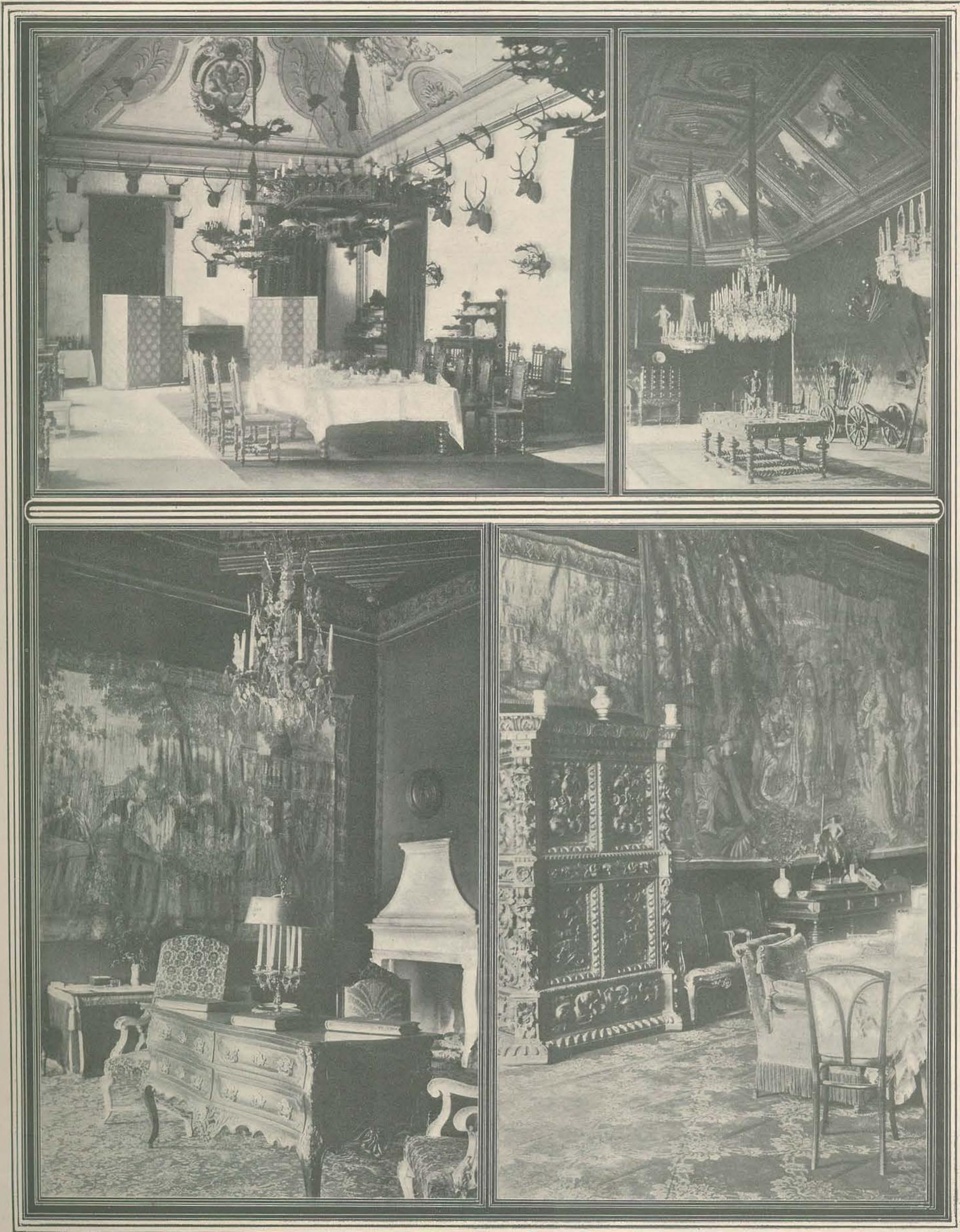
Mas, apezar de tudo, engalanam-se as montras dos confeiteiros, apparecem novas marcas de bolachas, deslumbram-se os pobres na luz forte que os estabelecimentos irradiam, crianças mettidas em abafos e crianças com os pés no lodo olham os bonbons que os confeiteiros expõem e o novo anno surge como os outros, mesquinho e frio, engoiado na hora do nascimento.

ROCHA MARTINS.

O CAMINHO DAS AGUAS FRESCAS—NA REAL TAPADA

UM GRUPO DE COUTEIROS E BATEDORES

UM TRECHO DA REAL TAPADA

A VIAGEM DO REI DE HESPANHA A VILLA VIÇOSA

A VISITA DO REI DE HESPANHA A VILLA VIÇOSA

AS SALAS NO PAÇO DE VILLA VIÇOSA — 1.ª SALA DE JANTAR — 2.ª SALA DOS DUQUES — 3.ª SALA DAS VIRTUDES — 4.ª SALA DOS HERCULES

S. M. EL-REI D. AFFONSO XIII—S. A. O PRINCIPE LUIZ FILIPPE—S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA
CONDE DE TOVAR—CONDE DE SABUGOSA—MADAME POLO BARNABÉ—MARQUEZA DO FAYAL—TENENTE CORONEL ALFREDO D'ALBUQUERQUE—DUQUE DE SOTTOMAYOR
A CAÇADA DO DIA 15 EM VILLA VIÇOSA—UM GRUPO NO LOCAL DA AGUA FERREA

O GRUPO DE SPORTMENS QUE OFFERECEU O JANTAR NO HOTEL DA EUROPA AO MESTRE DE SPORT MR. DESBONNET, QUE VEIU PRESIDIR AO CONCURSO D'ATHLETICA PROMOVIDO PELO «JORNAL DA NOITE»

1 O PROFESSOR DESBONNET—2, JOSÉ PONTES, DO «JORNAL DA NOITE»—3, DUARTE HOLBECHE—4, ANGELO LISBOA, DO «JORNAL DA NOITE»—5, LUIZ CRUZ, DO JORNAL DA NOITE—6, JOÃO D'AZEVEDO—7, ALFREDO FIGUEIREDO—8, JORGE CID—9, ALVARO DE LACERDA—10, CAMILLO RUBON—11, JOSÉ PORTUGAL—12, ANTONIO GODINHO—13, CARLOS XAVIEDO—14, ANTONIO DIOGO DA SILVA—15, JOSÉ MOURÃO

HABITAÇÕES ARTISTICAS

Digressões e visitas

A casa de Alfredo Guimarães

E' Alfredo Guimarães um nome conhecido na melhor roda de Lisboa, e a elle se deve, em grande parte, o desenvolvimento que ultimamente tem tomado o lar portuguez no que se refere á arte de resurgir mobiliario antigo, de epocas historicas, em que a graça dos estylos nos suggere ainda, como a mais flagrante e eloquente monographia, scenas remotas de galanteio e seducção, de austeridade, de grandeza,—a grandeza essa, especie de megolomania que se apossou de certas côrtes em periodos de latrocinio e de descobertas maritimas.

A casa de Alfredo Guimarães fica para as bandas de S. Bento, n'uma rua caracteristica da cidade, a dois passos do Albergue onde, mal a noite desce, se acolhem os famintos que na vida apenas conheceram o agasalho dos descampados, sob a hostilidade invernosa do ceu, o *hotel relento*, como pittorescamente lhe chamam.

Mas, logo ao galgarmos o vestibulo empedrado da entrada, o nosso olhar surprehende um *decor* pombalino, e alli, n'um recanto, em frente á escada que conduz ao primeiro andar, uma liteira preciosa, da epoca, talvez—sabe-o Deus—com a sua discreta historia de paixão e fuga, talvez confidente da soberbia politica do senhor Marquez.

Alfredo Guimarães, que já nos esperava, assoma o seu perfil insinuante de homem affavel e convida-nos a subir. Estamos n'uma ante-sala genero pombalino tambem; um retrato do Marquez orna uma das paredes, e vemos barros de Machado de Castro, faianças portuguezas do Rato, não faltando um bahu que pertenceu á Casa Real, visto encimal-o uma corôa.

Fonteiro á ante-sala é o escriptorio, onde não prevalece estylo algum definido. Ha alli algumas gravuras celebres: «Alexandre na tenda de Dario», «A ceia do Senhor», um retrato de Carlos I, gravuras de Luiz Pecourt, de Lépicié, de Belechon, de Sedling; e no que toca a mobiliario, deliciosos exemplares da India portugueza, cadeiras Luiz XIV, buffetes do seculo XVII, tudo n'uma primorosa disposição, desvendando o fino espirito artistico do seu possuidor.

Depois, passa-se a um salão Imperio, uniforme, com-

SALA IMPERIO

O QUARTO DE CAMA (ESTYLO D. JOÃO V)

pleto, não havendo quasi nenhum *bibelot*. E' uma sala de estylo perfeito, em que se observam os minuciosos por-

UMA ANTE-SALA

menores da epoca: forra os sofás uma seda verde, de uma tonalidade de esmeralda pallida, e, cobrindo o *plafond*, um magnifico tapete de *Obusson*, harmonico com o decorativo total.

Alfredo Guimarães, que nos vem acompanhando, conduz-nos a uma salinha Luiz XVI, que é uma maravilha d'arte. Nas paredes as sedas são de tons pallidos, côres indecisas e tenues, branco e marfim, com fios prateados. Pelas *vitrines*: *bibelots*, joias, miniaturas, minusculas preciosidades da epoca; e ainda os nossos olhos repousam n'uma acariciadora surpresa sobre commodas de *marqueterie*, polychromas, tremós dourados, estofos proprios...

*

Trocaram-se algumas phrases, e eis-nos subindo a escada que conduz ao segundo *piso*. A ante-sala é agora decorada no estylo de D. Maria I:—gravuras, sofás, um gracioso relogio, contadores, oratorio e outros moveis ainda. A uma pergunta nossa:

—O estylo aqui predominante é de D. Maria I?

—O predominante é—replica com a sua habitual vivacidade nervosa Alfredo Guimarães—ainda que, como vê, haja moveis de epocas anteriores; mas, apezar d'isso, a harmonia é completa.

—Não gosta do estylo D. João V?—perguntámos, por não havermos ainda surprehendido aquelles motivos ornamentaes.

—Vae vêr o meu quarto de cama—contesta-nos—ahi, é essa a decoração escolhida.

E Alfredo Guimarães, abrindo a porta que dá para a ante-sala onde nos achavamos, conclue:

—Eil-o.

E' este um outro recanto precioso d'aquelle lar. Commodas, cama, arca, papeleiras, oratorio, é tudo da epoca: e, emquanto expressamos a nossa admiração, Alfredo Guimarães, entreabrindo a portada de uma janella, commentou:

—Um pouco mais efeminado... e seria o da Madre Paula.

Mas já o nosso olhar, indiscreto como o exigem estas jornadas pela casa alheia, desvenda sobre um movel alguns livros, e o nosso interlocutor de nos explicar n'uma provocadora ironia:

—Esses é que não são da epoca...

Não o eram, effectivamente; mas n'aquelle contraste revelava-se ainda o espirito culto do nosso amigo.

E, mostrando-nos os livros:

—A ultima peça de Alfred Capus, e um romance de Balzac.

Estava satisfeita a nossa curiosidade.

*

A' nossa direita é a sala de jantar. Olhando-a, veem-nos ao espirito as seguintes perguntas:

—E' uma sala Renascença? E' uma sala Luiz XVI?

E este restricto questionario apresentámol-o, de viva voz, a Alfredo Guimarães, que nos explica:

—E' apenas uma sala arranjada de forma que as coisas não briguem umas com as outras, que não se degladiem, pois que são de epocas approximadas.

OUTRA ANTE-SALA

OUTRO ASPECTO DA SALA IMPERIO

GABINETE LUIZ XVI

CASA DE JANTAR

Aquella casa de jantar, na qual ha o conforto das velhas casas portuguezas que nos trazem á memoria refeições succulentas e abbadessaes, na sua amalgama d'estylo, resahe e ergue-se como tocada n'um raio de sol, de vida intima, pela disposição dos moveis que, apezar de serem de differentes epocas, não destoam e conservam a sua linha agradavel á vista.

Ha um deslumbramento de pratas, de riquissima baixella collocada pelos aparadores, scintillantes, ao lado de crystaes diaphanos, ricos, preciosos, que devem deixar transparecer os liquidos nos seus tons, nos seus cambiantes, os licores opalinos, os vinhos generosos, capitosamente atordoadores e que n'esses copos ganham em côr, devem ganhar em tonalidades.

No entanto, lançando uma vista á entrada, fica-se perplexo deante da variedade d'estylos, de fórmas e mesmo de colorido.

E, assim, vemos pratos Luiz XVI em escaparates seculo XVII, lustre do seculo XVIII, admiravelmente harmonico sobre uma meza do seculo XVI, centro Luiz XVI, castiçaes de estylo inglez, purissimo, um armario hollandez da Renascença, cadeiras de couro, louças da India, arcas portuguezas do seculo XVIII e uma infinidade de pequenos objectos, lindos como motivo decorativo, imprescindiveis n'uma sala como esta.

E o curioso é que d'esta apparente amalgama de objectos de epocas diversissimas não resulta a menor desharmonia; pelo contrario, parece que tudo nasceu no mesmo momento historico, pela quasi homogeneidade que se observa.

Em frente ao armario hollandez está uma magnifica chaminé da renascença portugueza, que, como Alfredo Guimarães refere: «combina com o simples effeito scenographico dos objectos; utiliso-os sempre; portanto, um fogão é para me aquecer nas noites de inverno e de nortada.»

Vimos ainda: contadores da India, maravilhosos em madeira rica que vinham nas caravellas e que representavam fortunas, contadores que na sua grandeza recordam muito os famosos tempos de conquista, como o relogio que tange minuetes pertencente ao seculo XVIII aviva esse tempo de galanteria, n'um destaque com os outros objectos d'epocas mais remotas, mais novos, menos coquettes e menos espirituaes.

E deante de tantas bellezas, ficam-nos bem marcadas e bem fundas impressões. Essa sala Imperio é uma maravilha que evoca o passado n'uma *basblen* do estylo do tempo do primeiro Napoleão, lembra esse canto onde os marechaes curtidos d'annos, de luctas e cobertos de medalhas, vieram estadear em face da mulher em voga as suas façanhas e as aventuras dos seus passeios epicos atravez da Europa á sombra das aguias e onde fossem interrompidos por um hymno triumphal cantado pelo relogio que na sua redoma o atira com as horas n'uma saudação ao soberano corso.

GABINETE DE TRABALHO

Após esta as outras, todas as outras nos ficam na retina e nos deixam no espirito bellas sensações, pelos contrastes flagrantes d'epocas, pelos maravilhosos detalhes, por tudo isso que jamais esquece e que nos dá, alem d'esse effeito, um conjuncto de estudo d'esses tempos que Alfredo Guimarães, á custa de porfiado labor, tem recolhido, como se fosse fazer a historia do mobiliario nas eras remotas.

*

Lateralmente fica-nos uma alcova—estylisada á moda de D. Maria I.

E guardamos a recordação d'essa linda alcôva Maria I, com a sua cama candida, clara, de docel, uma alcova que é um mimo de virgindade e de pureza, na qual os moveis são a decoração singela e propria da criança que n'ella habita, a filhinha de Alfredo Guimarães. E' como um quarto herdado, que viesse de geração em geração e tivesse servido a uma avó nos tempos de meninice, que ella só tivesse deixado no momento de se casar; é como um ninho no qual ficassem acochadas, e n'um arrulho manso, claras pombas de sonhos de donzellas, desde esses tempos pragmaticos, devotos e honestos de Maria I.

Cama dourada com docel, *boudoir*, o oratorio com uma almofada de seda, a figura pallida de maceração de um Christo de marfim, a *toilette* em *marqueterie*, commoda com esmalte, e espelho esguio, as gravuras, tapetes de Arrayolos, o guarda-joias, o lustre de Veneza, tudo isto forma o *decor* completo d'essa alcova.

Alguem, um fino e alto espirito que ha pouco visitou a casa de Alfredo Guimarães, vendo esta alcova, disse:

—Uma sala decorada por um artista d'aquella epoca devia ser exactamente assim.

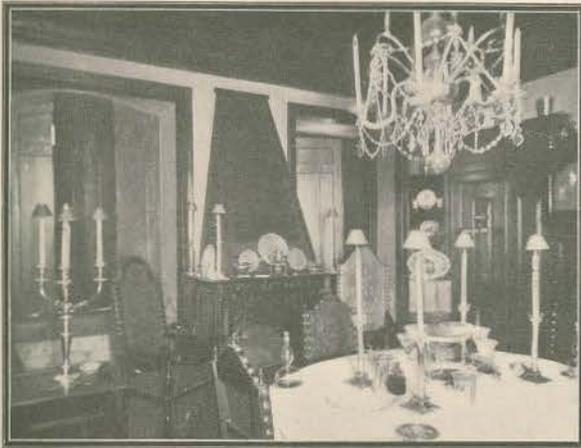
E com effeito, nada de mais interessante, de mais simples e de mais harmonico. E' toda uma arte d'outras eras, d'outros tempos, ali systematisada, ali collocada portas a dentro d'uma casa moderna, d'uma casa dos nossos dias.

E' uma bella evocação do passado essa alcova, d'uma evocação d'esse passado que para muitos nada vale e que para certos artistas é tudo, talvez por uma lei atavica, talvez por uma bem definada consciencia.

Alfredo Guimarães, artista de raro espirito, cultor do passado, conseguiu fazer d'esse quarto, como das outras salas, uma demonstração do seu fino criterio, da sua arte, que para elle é como uma religião.

Effectivamente, nada de mais artistico, de mais finamente delicado, revelando todas as raras qualidades do dono da casa, que o seu *interior*, que bem affirma um temperamento capaz de sentir todas as fortes commoções que derivam de uma intensa or-

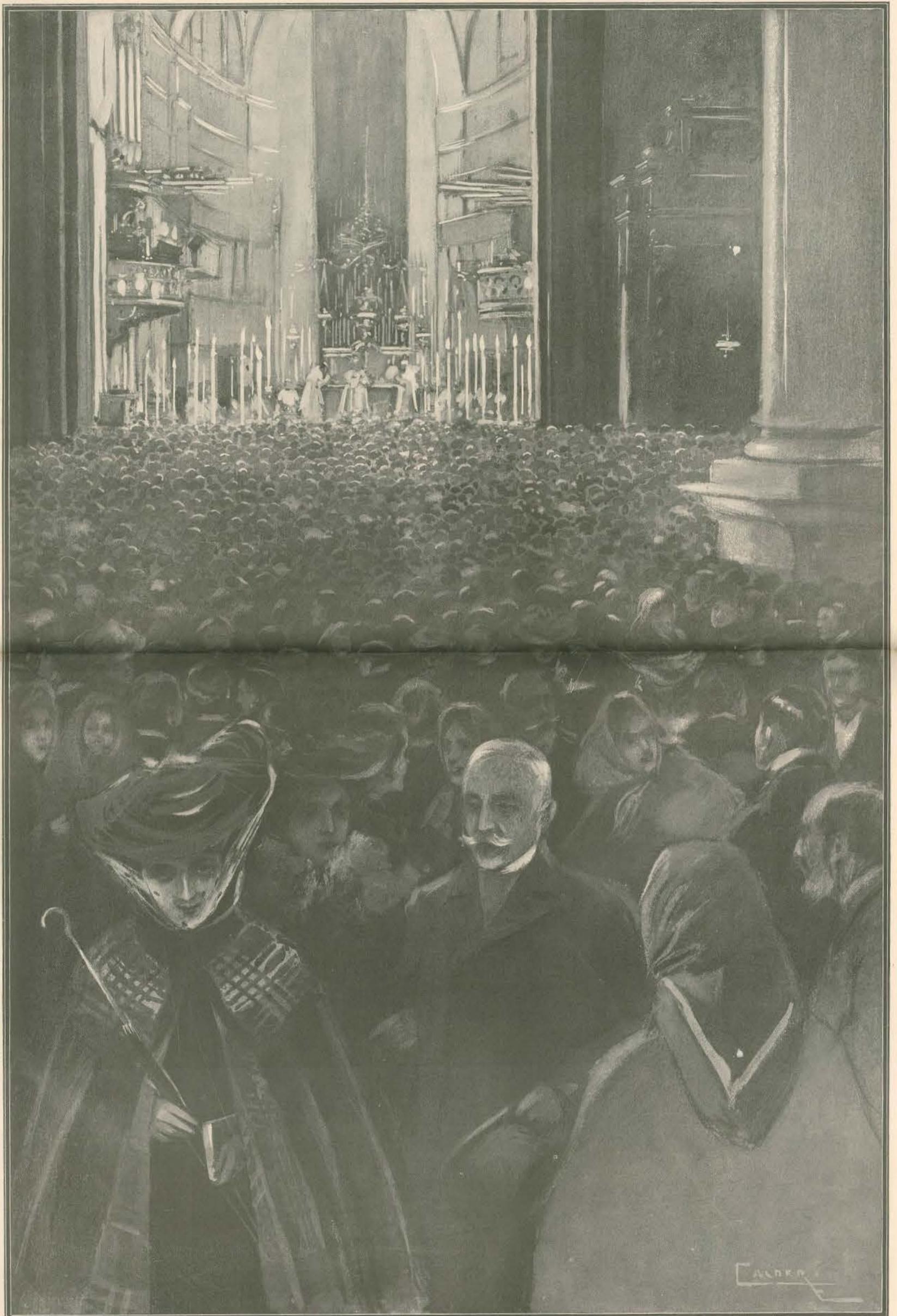
ALCOVA D. MARIA I

UMA ANTE-SALA

OUTRO ASPECTO DA CASA DE JANTAR

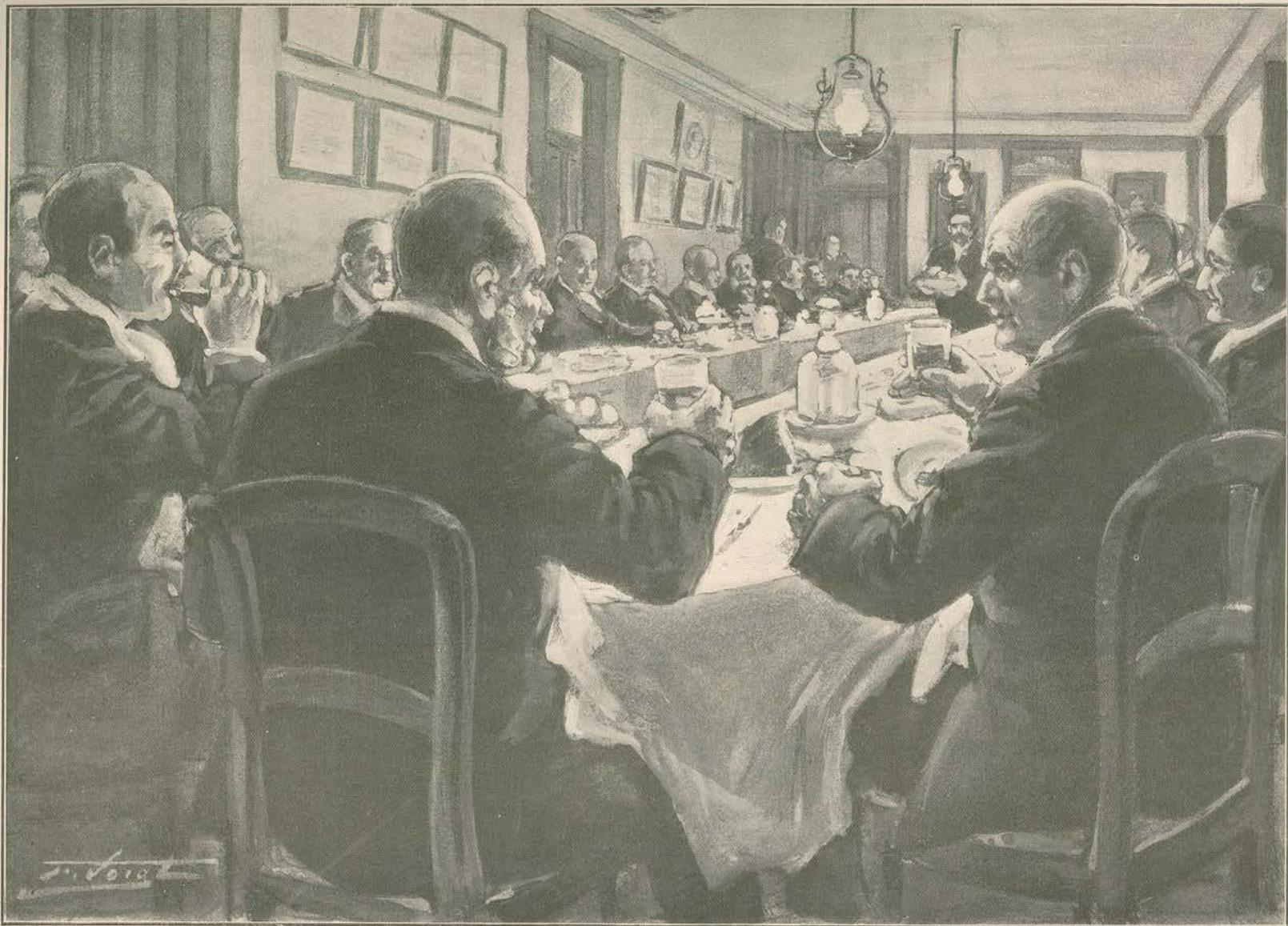
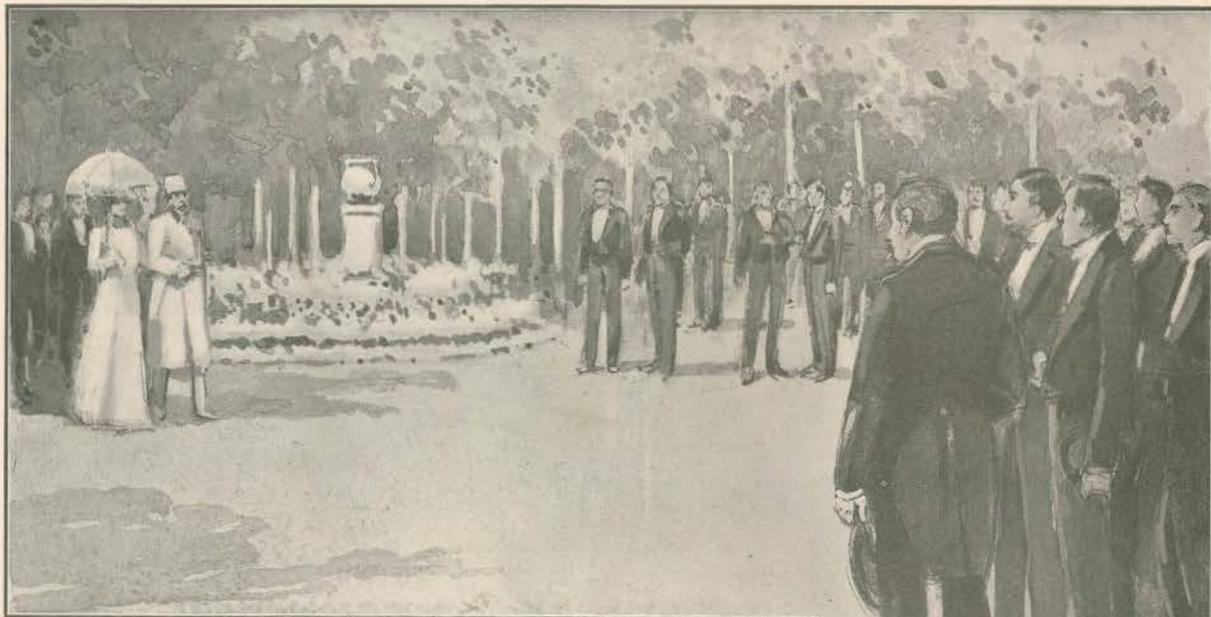
O VESTIBULO

ganisação familiar com as expressões d'arte, quer ella se exteriorise n'um lindo e evocativo painel, n'uma aria languida e suggestiva, n'um riso de mulher, na symphonia colorida de uma flôr, no rythmo dolente de um verso, ou na linha graciosa e leve, ou hirta e austera, de um movel.

SANTOS TAVARES.

O NATAL DE LISBOA—A IMAGEM DO MENINO DE DEUS NA EGREJA DA SUA INVOCAÇÃO—O PRESEPIO DA EGREJA DO MENINO DE DEUS

O NATAL DE LISBOA—UM ASPECTO DA MISSA DO GALLO

A VIAGEM DO REI DE HESPANHA A VILLA VIÇOSA — S. M. O REI DE PORTUGAL ALVEJANDO UM VEADO

O PRESEPIO DA BASILICA DA ESTRELLA — O PRESEPIO DA SÉ PATRIARCHAL, FEITO POR JOAQUIM MACHADO DE CASTRO EM 1766 E EXISTENTE NA CAPELLA DA CHAROLLA DA SÉ DE LISBOA — O PRESEPIO DE SANTO ANTONIO DOS CAPUCHOS NO ASYLO DE MENDICIDADE

O NATAL DE LISBOA—O JANTAR DE FESTA EM DIA DE NATAL NO ASYLO DOS INVALIDOS DO TRABALHO

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

VI

Residencia de verão da realeza — Exercitando-nos para a terrivel prova — Commissão da mensagem ao imperador—Recepção pelo imperador e sua familia — Trajos da comitiva imperial—Poder concentrado—Em casa do grão duque — Uma villa encantadora — Figura principesca—A gran duqueza — Um almoço gran ducal — O pequeno do padeiro, criador da fome—Chá com sumo de limão ou leite gelado — Monarchas theatraes, uma peta — Visita do governador geral ao navio —«Estylo» official —Visitantes aristocraticos — Lunch a bordo — Derradeiras cerimonias.

Fundeámos aqui em Yalta, na Russia, ha dois ou tres dias. Para mim este logar é uma visão das Sierras. As altas e pardacentas montanhas que lhe servem de fundo, os seus declives eriçados de pinheiros—fendidos de barrocaes—aqui e alli um branco penedo alteando-se á vista—longas e direitas riscas que descem desde o cume até ao mar, assignalando a passagem de alguma avalanche de antigos tempos—todas estas cousas se assemelham tanto ao que a gente vê nas Sierras, que é como se as estivesse vendo. Aninha-se a pequena aldeia de Yalta aos pés de um amphitheatro que se reclina e se eleva contra a parede dos montes, e parece como que se tivesse cahido de manso de uma elevação maior para ficar na sua posição actual. Esta depressa é coberta de grandes parques e jardins de fidalgos, e atravez da espessura da verde folhagem as côres brilhantes dos seus palacios desabrocham, aqui e ali, como flores. E' um sitio lindo.

Recebemos a bordo o consul dos Estados Unidos—o consul em Odessa. Reunimo-nos na camara, e intimámol-o para nos expôr o que era necessario fazer para nós escaparmos, e que nos dissesse isso depressa. E vae o homem botou discurso. A primeira cousa que nos disse encheu de consternação todos os animos cheios de esperança: nunca tinha visto uma recepção de côrte. (Tres gemidos para o consul.) Accrescentou, porém, que tinha assistido a recepções no palacio do governador geral em Odessa, e muitas vezes ouvira contar as experiencias de recepções de pessoas na côrte da Russia e n'outras, e estava persuadido que sabia muito bem a especie de prova para a qual nos estavamos preparando. (A esperança desabrochou novamente.) Observou que eramos muitos; o palacio de verão era pequeno—uma simples residencia; sem duvida seriamos recebidos á moda do verão—no jardim; haviamos de estar de pé n'uma fileira, todos os homens de casaca, luvas e gravata brancas, e as senhoras de vestidos de seda de côr clara, ou cousa assim; no momento proprio—ao meio dia—o imperador, com as pessoas do seu sequito, revestidas de esplendidos uniformes, havia de apparecer e passaria lentamente por deante da fileira, inclinando-se para alguns e dizendo a outros duas ou tres palavras. No mesmo instante em que sua magestade apparecesse, um sorriso universal, jubiloso, enthusiastico, devia manifestar-se como uma erupção entre os passageiros—um sorriso de amor, de gratidão, de admiração—e, todos á uma, principiar a curvar-se—não obsequiosamente, mas respeitosamente e com dignidade; passados quinze minutos o imperador se recolheria ao palacio, e nós poderiamos voltar para bordo. Experimentámos um allivio immenso. A cousa parecia, em certa maneira, facil. Pois em toda a nossa gente não havia um só que não acreditasse que, com algum exercicio, se aguentaria a pé firme n'uma fila, especialmente estando outros por alí adeante; não havia um só que não acreditasse que poderia inclinar-se sem enredar os pés nas abas da casaca e sem quebrar o pescoço; n'uma palavra, chegámos a crêr que seriamos capazes de satisfazer a todos os pontos do programma, exceptuando o tal sorriso complicado. O consul disse tambem que precisavamos de elaborar uma pequena mensagem ao imperador, e apresental-a a um dos seus ajudantes de campo, que a havia de entregar ao soberano na occasião propria. Conseguintemente, cinco cavalheiros foram nomeados para preparar o documento, e os outros cincoenta e cinco espalharam-se pelo navio a sorrir tristemente — fazendo exercicio. Nas doze horas seguintes tinhamos o aspecto geral, para assim dizer, de estarmos n'um funeral, em que todo o mundo tinha pena do fallecimento que havia occorrido, mas estava morrendo porque aquillo acabasse—em que toda a gente sorria, mas estava desanimada.

Foi para terra uma commissão procurar sua excellencia o governador geral, e informar-se do nosso destino. Ao cabo de tres horas de anciosa espera, voltaram e disseram-nos que o imperador nos havia de receber. No dia seguinte ao meio dia—mandaria carruagens para nos transportar—e ouviria a allocução em pessoa. O grão duque Miguel mandou tambem convite para irmos ao seu palacio. Era evidente que havia aqui intenção de mostrar que a amizade da Russia á America era tão genuina que tornava até merecedores de affectuosas attenções os seus cidadãos particulares.

A' hora marcada andámos de carro tres milhas, e reunimo-nos no bonito jardim que defronta o palacio do imperador.

Collocámo-nos em circulo debaixo das arvores, em frente da porta, porque n'essa residencia do imperador não havia uma sala em que commodamente coubessem as nossas sessenta pessoas, e passados poucos minutos a familia imperial sahiu, cumprimentando e sorrindo, e ficou em meio de nós. Vinham com ella muitos grandes dignitarios do imperio, sem uniformes. A cada cortezia sua magestade dizia uma palavra de boas vindas. Dou copia d'essas falas, que em si teem impresso caracter—o caracter russo—que é a genuina polidez, a polidez em cheio. Os francezes são delicados, mas essa sua delicadeza é bastas vezes meramente cerimoniosa. O russo embute nos seus actos cortezes uma cordealidade, tanto de phrase como de expressão, que completa a crença na sua sinceridade. Como ia dizendo, o czar pontoava as suas falas com cortezias:

—Bons dias—Folgo de vos ver—Estou satisfeito—Estou encantado—Tenho muito prazer em receber-vos.

Todos tirámos os chapéos, e o consul impingiu-lhe a allocução, que elle supportou com inquebrantavel fortaleza; pegou depois no rançoso documento, que passou ás mãos de algum grande personagem, ou cousa que o valha, para ser arrecadado nos archivos da Russia—lançado no fogão. Agradeceu a allocução e disse que se alegrava muito de nos ver, especialmente por serem amigaveis as relações existentes entre a Russia e os Estados Unidos. A imperatriz disse que os americanos eram predilectos na Russia, e esperava que os russos semelhantemente o fossem na America. Todas as falas que houve foram estas; recommendo-as aos grupos de viajantes que apresentam os policias com relogios de ouro como modelos de brevidade e a proposito. Depois d'isto a imperatriz dirigiu-se a varias damas do agrupamento, ás quaes falou sociavelmente (para uma imperatriz); diversos cavalheiros tiveram com o imperador uma descosida conversação geral; os duques e principes, almirantes e damas de honor, travaram palestra sem cerimonia, primeiro com um e depois com outro dos nossos, e quem o quiz avançou alguns passos, e falou com a modesta pequena gran duqueza Maria, filha do czar. Tem quatorze annos, cabellos claros, olhos azues, e é despretenciosa e bonita. Todos falam inglez.

O imperador tinha um boné, sobrecasaca e calças, tudo da mesma qualidade de fazenda branca de uniforme militar—algodão ou linho—sem joias nem qualquer condecoração. Trajo menos apparatoso não o podia haver. E' muito alto e magro, e tem aspecto de homem assaz resoluto, sem, comtudo, por isso deixar de ser muito sympathico. Logo se vê que é affectivo e bondoso. Ha um não sei quê de muito nobre na sua expressão quando tem a cabeça descoberta. No seu olhar não ha nem sombras da reserva que se nota no de Luiz Napoleão.

A imperatriz e a pequena gran duqueza traziam simples *toilettes* de foulard (ou seda de foulard, não sei como melhor se diga) com pintinhas azues; os vestidos eram enfeitados de azul; ambas as damas tinham em volta da cintura largos cintos azues; collares de linho e mantas clericaes de musselina; chapéos de palha de copa baixa, guarnecidos de fita azul; sombrinhas e luvas de côr de carne. A gran duqueza não tinha saltos nos sapatos, o que affirmo, não porque visse, sim porque m'o referiu uma das senhoras do nosso grupo. Não reparei nos sapatos d'ella. Causou-me satisfação ver que usava o seu proprio cabello, enrolado em grossas tranças sobre a nuca, em vez d'essa cousa aborrecida, que vulgarmente se chama «cascata.» Attendendo á expressão de bondade que tem o rosto do imperador, e á gentileza da sua joven filha, causa assombro pensar até que ponto não ha de minguar a firmeza do czar em condemnar um desventurado supplicante á desgraça nos desertos da Siberia, se ella interceder por elle. Sempre que os seus olhos se encontravam eu vi cada vez mais que tremendo mando

aquella fraca e singella creança poderia fazer ceder, se assim o quizesse. Muitas e muitas vezes ella podia governar o autocrata da Russia, cuja mais leve palavra é lei para setenta milhões de creaturas humanas! Era apenas uma menina e parecia-se com mil outras que tenho visto, mas nunca até então uma menina despertou em mim um tão ignoto e particular interesse como ella. Uma sensação extranha e nova é cousa rara n'esta vida atabalhoada, e eu tive-a aqui. Nada havia sediço ou gasto quanto aos pensamentos ou sentimentos que a situação ou as circumstancias creavam. Parecia extranho—mais extranho do que o posso dizer — cogitar que a figura central n'aquelle ajuntamento de homens e de mulheres, pairando aqui debaixo das arvores, como o individuo mais vulgar da terra, fosse um homem a quem bastaria abrir os labios para logo navios correrem sobre as ondas, locomotivas voarem pelas planicies, correios partirem apressados de aldeia para aldeia, com telegraphos expedirem a palavra aos quatro angulos de um imperio, que estende os seus grandes membros sobre a setima parte do globo habitavel, e abalar uma innumeravel multidão de homens para cumprir as suas ordens. Tenho uma especie de vago desejo de lhe examinar as mãos para ver se são de carne e sangue, como as dos outros homens. Aqui está um homem que poderia obrar essa maravilha, e comtudo, se eu quizesse, podia deital-o ao chão. O caso era simples, mas, não obstante, afigurava-se absurdo—tão absurdo como tentar derrubar uma montanha ou eliminar um continente. Se acaso este homem torcesse um pé, um milhar de milhas de telegrapho transmittiria a noticia sobre montanhas—valles—campos despovoados—debaixo do invio mar—e dez mil gazetas se occupariam a falar d'isso; se estivesse gravemente enfermo, todas as nações o saberiam antes do sol se levantar outra vez; se cahisse morto onde estava, a sua quéda podia abalar os thronos de metade do orbe terrestre. Se me houvesse sido possivel furtar-lhe o casaco, te-lo-ia feito. Quando topo um homem como aquelle, preciso de alguma cousa que me faça lembrar d'elle.

Em regra, os palacios que visitámos foram-nos mostrados por creados de farda, ou cousa assim, que levavam um franco por isso; mas, depois de conversar com o nosso grupo por espaço de meia hora, o imperador da Russia e a sua familia em pessoa nos conduziram a todos atravez da residencia. Com isso pareciam experimentar um verdadeiro prazer, e não levaram nada.

Gastámos meia hora a divagar pelo palacio, admirando os sumptuosos aposentos, e a sua ornamentação rica, mas de aspecto eminentemente caseiro, com o que a familia imperial disse um benigno adeus á nossa gente.

Recebemos convite para visitar o palacio do filho mais velho, o principe herdeiro da Russia, que ficava muito proximo. O mancebo estava ausente, mas os duques e condessas e principes trataram-nos com a mesma affabilidade com que haviamos sido recebidos no palacio do imperador, e a conversação continuou, tão animada como sempre.

Passava já um pouco da hora. Partimos de carruagem para o palacio do grão duque Miguel, a uma milha de distancia, acceitando o convite, previamente feito.

Gastámos vinte minutos do palacio do imperador até lá. Que sitio tão amoroso! Esconde-se o bello palacio entre os grandes bosques antigos do parque, e este reclina-se no regaço dos penedos e outeiros, deitando ambos para o ventoso oceano. No parque vêem-se, aqui e alli, assentos rusticos em cantos afastados, onde ha sombras; riachos de agua crystalina; pequenos lagos, com bancos de relva convidativos; relances de cascatas scintillantes por entre as abertas na espessura da folhagem; correntes de agua limpida a jorrar de graciosos nós nos troncos das arvores das florestas; templos de marmore em miniatura alcandorados em vetustos rochedos côr de cinza; e pontos de vista aereos, d'onde se pode espairecer a vista por dilatada extensão de terra e de mar. O palacio é moldado nas fórmas mais perfeitas da architectura grega, e as suas vastas columnatas cingem um pateo central, orlado de flores raras, que perfumam o ambiente, tendo no meio uma fonte que mitiga o calor do ar do verão, e é possivel que favoreça a existencia de mosquitos, mas tal não creio.

Logo sahiram do palacio o grão duque e a sua duqueza, e as cerimonias de apresentação foram tão simples como o tinham sido no palacio do imperador. Em poucos momentos se travou a conversação, como de antes. A imperatriz appareceu na varanda, e a pequena gran duqueza veiu misturar-se comnosco. Tinham-nos seguido ali. Em breve o proprio imperador veiu a cavallo. Cousa muito agradavel. Podeis julgal-o, se alguma vez visitastes a realeza e sentistes que seria possivel estar desperdiçando as vossas boas vindas, comquanto, em geral, creio eu, a realeza não é escrupulosa em vos despedir quando cumpristes a vossa missão.

O grão duque é o terceiro irmão do imperador, tem approximadamente trinta e sete annos de edade, e possue a figura de principe mais notavel da Russia. Ainda é mais alto que o czar, tão direito como um indio, e o seu porte é semelhante ao d'esses magnificos cavalleiros de que temos noticia pelos romances das cruzadas. Tem ares de pessoa dotada de grande coração, que n'um momento atiraria um inimigo para dentro de um rio, e em seguida se lançaria n'elle, com risco da propria vida, para o salvar. O que se conta a seu respeito mostra que é dotado de animo bravo e generoso. Deve ter sentido o desejo de provar que os americanos eram bemvindos aos palacios imperiaes da Russia, porque percorreu a cavallo todo o caminho até Yalta, e escoltou o nosso sequito em direcção ao palacio do imperador, emquanto os seus ajudantes iam batendo a estrada e offerecendo o seu auxilio onde quer que pudesse ser necessario. N'essa occasião estavamos um tanto familiares com elle, porque não sabiamos quem era. Reconhecemo-lo agora, e apreciámos o espirito de amizade que o levou a prestar-nos este obsequio, que outro qualquer grão duque no mundo teria sem duvida declinado fazer. Tinha grande numero de servos, que poderia ter mandado, mas preferiu occupar-se d'isso pessoalmente.

O grão duque vestia o bonito e ostentoso uniforme de official de cossacos. A gran duqueza tinha um vestido branco de alpaca com as costuras e a orla enfeitadas de renda preta e um chapelinho cinzento com uma penna tambem negra. E' nova, um tanto formosa, modesta e simples, e cheia de captivante delicadeza.

O nosso grupo percorreu todo o edificio, e a nobreza, que o seguiu depois em todos os terrenos contiguos, reconduziu-o por fim ao palacio, seriam duas e meia horas, para o almoço. Elles chamaram-lhe almoço, nós, porém, diriamos *lunch*. Consistiu de duas qualidades de vinho, chá, pão, queijo e carnes frias, e foi servido nas mesas do centro na sala da recepção e nas varandas, onde convinha; não houve cerimonia. Foi uma especie de pic-nic. Eu tinha ouvido antes que alli é que haviamos de almoçar, mas Blucher disse que lhe parecia que o pequeno do padeiro o tinha aconselhado a sua alteza imperial. Não creio—ainda que isso era proprio d'elle. O pequeno do padeiro é o creador da fome a bordo. Anda sempre esfomeado. Dizem que elle anda pelos camarotes de primeira classe, quando os passageiros lá não estão, e devora todos os sabonetes. Mais dizem que come maçame desfeito e tudo o que puder apanhar no intervallo das refeições, mas prefere maçame. Não gosta d'elle para o jantar, mas sim para o *lunch*, a horas extravagantes, ou qualquer outra cousa d'essa ordem. Torna-o muito desagradavel, porque lhe faz ter o bafo rançoso, e os dentes empastados de alcatrão. Bem pode ser que o pequeno do padeiro aconselhasse o almoço, mas não o creio. Fosse como fosse, correu bem. O illustre hospedeiro andava de uma banda para a outra, e ajudou a dar cabo das provisões e a manter animada a conversação, e a gran duqueza conversou com os que estavam na varanda e com os que tinham satisfeito o seu appetite e se afastavam da sala da recepção.

O chá do grão duque era delicioso. Dão á gente um limão para expremer no chá ou leite gelado, se o prefere. O primeiro é melhor. Este chá é trazido da China por terra, porque o transporte por via maritima damnifica o chá.

Quando foi tempo de nos retirarmos, dissemos adeus aos nossos distinctos hospedes. Tinhamos passado a melhor parte de metade de um dia na residencia da realeza, e tinhamos estado lá tão bem e tão satisfeitos como se nos achassemos a bordo. Não estaria mais alegre no seio de Abrahão do que no palacio de um imperador. Eu suppunha que os imperadores eram pessoas temiveis. Pensava eu que nunca elles tinham feito outra cousa senão usar corôas esplendidas e tunicas de velludo vermelho, com pedaços de lã cosidos em alguns pontos d'ellas, e sentar-se no throno e mostrar sobrecenho aos lacaios e á plateia, e mandar executar duques e duquezas.

FOLHETIM N.° 7

(Continúa)

O NATAL PITTORESCO — AI ADEUS ACABARAM-SE OS DIAS